

CONTEXTO GEOGRÁFICO E CAMPO DE POSSIBILIDADES PARA A LEITURA GEOGRÁFICA DAS JUVENTUDES

<https://doi.org/10.4215/rm2025.e24017>

Turra Neto, N. ^{a*}

(a) Doutor em Geografia

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7762-3893>. LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5614340558861039>.

Article history:

Received 06 December, 2024

Accepted 29 April, 2025

Published 10 August, 2025

(*) CORRESPONDING AUTHOR

Address: UNESP. Rua Roberto Simonsen, 305, Centro Educacional, CEP: 19.060-900, Presidente Prudente (SP), Brasil. Tel: (+55 18) 3229-5668

E-mail: necio.turra@unesp.br

Resumo

O artigo tem como objetivo trazer para o debate público os conceitos de contexto geográfico e campo de possibilidades, como contribuições da geografia para a leitura das experiências de juventude. Parte de extenso levantamento bibliográfico no campo da geografia e da sociologia de língua inglesa, onde há uma mais longa tradição de tematização da juventude. Com base nestas contribuições e em tensão com as formas como se tem pensado a relação entre juventudes e lugar no mundo anglo-saxônico, o texto primeiro se diferencia de abordagens pouco promissoras e depois busca delinear os dois conceitos de forma indissociável. Por fim, traz uma reflexão de método, para pensar no modo como podemos estudar e descrever o contexto geográfico e o campo de possibilidades em que os jovens tramam suas vidas.

Palavras-chave: Palavras-chave: Contexto Geográfico, Campo de Possibilidades, Experiências de Juventude.

Abstract / Resumen

GEOGRAPHIC CONTEXT AND FIELD OF POSSIBILITIES FOR THE GEOGRAPHICAL READING OF YOUTH

This article aims to bring the concepts of geographic context and field of possibilities into the public debate, as contributions of geography to the reading of youth experiences. It is based on an extensive bibliographical survey in the field of geography and sociology written in English, where there is a long tradition of addressing youth. From these contributions and in tension with the ways in which the relationship between youth and place has been thought about in the Anglo-Saxon world, the text first differentiates itself from unpromising approaches and then seeks to delineate the two concepts in an inseparable way. Finally, it presents a reflection on method, to think about how the geographic context and the field of possibilities in which young people weave their lives can be studied and described.

Keywords: Geographical Context, Field of Possibilities, Youth Experiences.

CONTEXTO GEOGRÁFICO Y CAMPO DE POSIBILIDADES PARA LA LECTURA GEOGRÁFICA DE LA JUVENTUD

El artículo pretende traer al debate público los conceptos de contexto geográfico y campo de posibilidades, como aportes de la geografía a la lectura de las experiencias de la juventud. Parte de un extenso estudio bibliográfico en el campo de la geografía y la sociología en inglés, donde existe una mayor tradición de tematización de la juventud. A partir de estos aportes y en tensión con las formas en que se ha pensado la relación entre juventud y lugar en el mundo anglosajón, el texto primero se diferencia de enfoques poco prometedores y luego busca delinear ambos conceptos de manera inseparable. Al final, trae una reflexión sobre el método, para pensar una manera en que se puede estudiar y describir el contexto geográfico y el campo de posibilidades en el que los jóvenes trazan sus vidas.

Palabras-clave: Contexto Geográfico, Campo de Posibilidades, Experiencias Juveniles.

INTRODUÇÃO

As idades talvez tenham sido o último marcador social a ter alguma visibilidade na geografia brasileira e ainda não gozam da mesma atenção conferida aos marcadores raciais e de gênero. Embora isto também seja válido para a geografia de língua inglesa (Valentine, 2003; Punch, 2020), especialmente no Reino Unido, o campo de uma geografia das juventudes encontra-se mais consolidado, com uma série de livros e artigos publicados, seja na revista *Children's Geography*, seja em diversas outras revistas como *Environment and Planning*, *Cultural Geography*, *Place, Gender and Culture* etc.

A matéria prima para a produção deste texto vem de uma pesquisa bibliográfica nestas revistas, onde buscamos compreender a forma como a geografia das juventudes no mundo anglo-saxônico tem refletido sobre as relações entre jovens e lugar. Também fez parte do levantamento a revista *Youth Studies*, onde nossa atenção foi para o modo como a dimensão espacial tem aparecido na sociologia das juventudes. Nosso propósito foi buscar subsídios para o desenvolvimento dos conceitos de contexto geográfico e campo de possibilidades, como uma contribuição da Geografia para a leitura das experiências de juventude no mundo contemporâneo, sobretudo, no Sul Global, considerando que, no "lado escuro da modernidade", os estudos de juventude precisam ser mais materialistas, sensíveis às diferenças espaciais e às atualizações do colonialismo (Cooper, Swartz e Mahali, 2019).

Por meio desses conceitos, queremos compreender como os indivíduos, na sua situação geográfica, nos seus lugares de frequência, na sua circulação, nos seus espaços de sociabilidade, locais de formação formal e informal, nos encontros que neles se realizam, nas vidas que neles se conectam, são afetados e participam daquilo que está circulando de forma mais ampla na sociedade, respondendo às imposições de seu espaço e tempo, no processo de "se tornar", ao longo do curso de vida.

Esta é a nossa questão geográfica básica e se ela não é necessariamente uma questão original na geografia das juventudes no mundo anglo-saxônico (ainda que não colocada nos mesmos termos), pensamos que o campo ainda carece de uma elaboração teórica mais ampla, que possa oferecer um vocabulário comum para a verticalização da reflexão (Smith e Mills, 2019; Valentine, 2018)¹ e produzir respostas mais satisfatórias. Parte dessa lacuna decorre do fato do campo, ao invés de produzir teorias próprias, tem recorrido às macro teorias sociológicas da nova modernidade (Valentine, 2018).

PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Numa primeira aproximação, temos que contexto deriva do latim "contextu" que significa tecido, participio passado de "contextere", que tem o sentido de tecer, entrelaçar². No seu sentido mais moderno, contexto é definido como "conjunto de circunstâncias inter-relacionadas de cuja tessitura se depreende determinado fato ou situação..."⁴.

Pelo sentido dicionarizado, contexto remete a um conjunto de circunstâncias que conduzem a certo acontecimento. Circunstâncias que podem ser entendidas como potências já presentes na situação, ou seja, como um campo de possibilidades. Assim, contexto e campo (circunstâncias) aparecem, sutilmente, como sinônimos ou pelo menos como indissociáveis, embora pareça vigorar certa primazia do contexto sobre o campo. E o acontecimento daí decorrente seria como um resultado final, sem que tenha nenhuma incidência sobre o contexto em que se originou.

No âmbito científico, também é possível encontrar o termo circulando em textos de outras ciências sociais e humanidades. Quem nunca ouviu falar em contexto histórico (Barbosa e Rego, 2017), ou contexto social, ou mesmo que para entender um texto ou um discurso é preciso conhecer o seu contexto (Grillo, 2023)? Entretanto, no levantamento que fizemos, encontramos um conjunto limitado de textos com foco no debate sobre os sentidos e significados da palavra contexto. Ou seja, embora seu uso seja amplamente difundido, o termo é pouco problematizado.

Uma exceção é Plowman (2016), que busca definir conceitualmente contexto para pensar a situacionalidade da pesquisa sobre as interações entre crianças e novas tecnologias. A partir dos estudos comunicacionais e da ciência da computação, o autor se recusa a pensar o contexto como sinônimo de situação, cenário ou local, como separado dos sujeitos e de suas interações, ou seja, como um simples continente para a interação, que permanece inalterado apesar dela. Para ele, ser contextual é tanto uma propriedade dos objetos e indivíduos, quanto resultado da sua interação. Assim, o escopo das

características contextuais não pode ser definido previamente e fora da interação que o constitui. Não é algo que simplesmente está ali, mas é ativamente produzido e mantido no curso da atividade. É algo que as pessoas fazem.

Para a noção de contexto geográfico que estamos buscando construir, estas ideias iniciais oferecem algumas balizas que apontam tanto direções a evitar e contornar, quanto caminhos promissores para o desenvolvimento do argumento.

Primeiramente, o sentido latino do termo, ligado ao ato de tecer e entrelaçar, é particularmente caro para nosso argumento, pois favorece o emprego da metáfora da tecelagem, tanto para pensar o contexto como emergindo da relação entre urdidura e trama, quanto para pensar nosso trabalho de narrar contextos geográficos como um trabalho artesanal de traçar os fios, formando figuras inusitadas nas tramas entre biografias e campos de possibilidades.

Em segundo lugar, também recusamos as abordagens de exterioridade e fixidez para pensar o contexto como inseparável da ação e da interação. Entretanto, diferenciemo-nos, ou pelo menos acrescentamos a essa leitura, a noção de campo de possibilidades, como uma espécie de par dialético, que nos possibilita captar a historicidade e a situacionalidade do contexto geográfico em movimento.

Além disso, ao pensarmos um conceito de contexto geográfico para o campo da geografia das juventudes, para seguir os cursos de vida, difractamos a noção em uma pluralidade de contextos e campos singulares, produzidos por diferentes sujeitos sociais, cuja visão de conjunto seria dada por um raciocínio indutivo e ao mesmo tempo dialético, entre o singular e o universal (Lukács, 2018), conforme traremos ao final.

Também nossos conceitos procuram ser "artefatos" apropriados ao nosso tempo e espaço. Pensamos conceitos que possam revelar como campos de possibilidades se materializam em trajetórias biográficas de jovens brasileiros que, em meio a "viração" (Telles, 2006), com incertezas crescentes vividas nesta fase de vida quanto aos rumos que irão tomar, estão sendo disputados entre o mundo do trabalho precarizado, igrejas conservadoras, mundo do crime e culturas juvenis que articulam alguma resistência (Turra Neto e Alves, 2022; Marques e Turra Neto, 2024). O que torna certas trajetórias de vida possíveis e inviabiliza outras? Como alguns jovens, no campo da sociabilidade, realizam conexões importantes que lhes permitem escapar das garras da extrema direita que cresce no país, manifestando-se nas redes sociais, mas também nos espaços religiosos e mesmo nas escolas? E, como reverter esta influência nefasta, considerando que os valores propagados por esta vertente política encontram terreno fértil entre aqueles que se sentem deixados para trás diante das aceleradas mudanças sociais e econômicas?

Estas são questões propulsoras da necessidade de uma elaboração teórica, que ofereça uma interpretação possível desse emaranhado entre um mundo em ebulição e as biografias individuais, grafando suas espacialidades, mas que também possa ser uma orientação para a prática, que nos ofereça elementos para participarmos, a partir da geografia, da disputa pela juventude.

Nesse esforço de elaboração conceitual, no que se segue, vamos diferenciar contexto geográfico de conceitos com os quais poderia ser facilmente confundido, como os de lugar e situação geográfica, bem como problematizar a ideia de "efeitos de lugar", que é uma das formas como as relações entre juventude e lugar têm sido pensadas. Na sequência, apresentamos a concepção de juventude que orienta nossa construção conceitual. Só então, trazemos de forma articulada as ideias de contexto geográfico e campo de possibilidades. Por fim, temos algumas considerações de natureza metodológica, como desdobramentos da proposta conceitual.

O QUE NÃO É CONTEXTO OU ABORDAGENS POUCO PROMISSORAS.

Teria o contexto geográfico a escala local? A vizinhança e os locais de moradia circunscrevem o que é o contexto geográfico para as experiências de juventude? Seria o contexto geográfico apenas outro nome para um conceito geográfico que já existe, o de lugar?

Talvez numa perspectiva que o toma como dado não problemático, a resposta seria sim, o contexto geográfico é da ordem do proximal, do localizado ou do lugar (num sentido mais sociológico

do termo). Nessa abordagem, o lugar seria um contexto já dado que serve de meio e condição para as relações que se busca estudar, que seriam, em certa medida, decorrentes dele. O desafio consistiria em desenhar um quadro do momento histórico, em termos de mudanças econômicas, políticas, urbanas e na vida local, a partir do qual se deduziria os constrangimentos para os processos de transição para a vida adulta e mesmo para a interseccionalidade entre gênero, classe e raça na vida dos e das jovens (McDowell, 2002; Nayak, Bonner-Thompson, 2022). Nessa abordagem, o lugar praticamente se reduziria a um dado, um limite que constrange identidades e ações, algo que se impõem aos sujeitos que o habitam.

É flagrante a influência do pensamento de Bourdieu nessa forma de pensar a relação entre jovens e lugar, haja vista sua expressão "efeitos de lugar". Para Bourdieu (2008), haveria uma violência inerente à ordem das coisas, uma forma de ação das estruturas sociais através da sua inscrição nos espaços físicos. Uma ideia que vê as/os jovens vivendo em áreas miseráveis, como prisioneiros de uma "miséria coletiva" que pesaria sobre eles como uma "fatalidade". Nestas áreas, "... as misérias de cada um são redobradas por todas as misérias nascidas da coexistência e da coabitação de todos os miseráveis e sobretudo, talvez, do efeito de destino que está inscrito na pertença a um grupo estigmatizado" (Bourdieu, 2008, p. 85 - destaque nosso). Os/As jovens nessas condições teriam dificuldade de romper o ciclo de desvantagem, tendendo a reproduzir as misérias das gerações anteriores (MacDonald, Shildrick e Furlong, 2020).

Um primeiro problema aparece de imediato nessa abordagem: o pressuposto de que a vida dos/as jovens é localmente circunscrita, praticamente ancorada ao lugar. Uma estratégia equivocada de localização que, ao situá-los/as nos seus locais de moradia, para poder estudá-los, termina por confundir essa localização com o contexto total da vida, perdendo de vista a mobilidade, os trânsitos e processos formativos que ocorrem em muitos outros lugares, ou as forças que atravessam o local e que fazem da experiência de juventude uma experiência multilocalizada (Clifford, 2000).

A ideia de "efeitos de lugar" tem o mérito de abordar as mudanças sociais e econômicas mais amplas a partir das cores específicas do lugar e ajuda a pensar como os jovens localizados, a depender de seu gênero, raça e classe social serão afetados diferentemente por elas (Holloway, 1998; McDowell, 2002). A consideração da variação dos "efeitos de lugar" a depender dos marcadores sociais conduziria, contudo, a uma outra ideia problemática, a de que alguns sujeitos seriam mais suscetíveis de serem afetados pelos fatores estruturais localizados do que outros, uns teriam mais poder de agência do que outros. Sobre os "sem poder" de agência, o lugar pesaria como um destino inexorável.

Outro pressuposto problemático subjacente aos efeitos de lugar é de que caberia aos e às jovens apenas responder e agir, sem sobre eles ter algum controle, ou em cuja composição e existência não teriam nenhuma participação. A capacidade de agência dos sujeitos é vista como o que lhes vai desvencilhar do contexto, não como o que o constrói, tece, mobiliza, reelabora-o para a ação.

Pensamos que o contexto geográfico pode ser da ordem do proximal, certamente a envolve, mas não necessariamente se limita a ela, seja porque não é resultado de influências unidirecionais do local de moradia, do bairro ou da cidade sobre os indivíduos, seja porque também pode ser tecido nos trânsitos e deambulações, pela circulação e mesmo migração dos jovens e, nesse sentido, contexto geográfico pode vir a ser também multilocalizado, sem fronteiras definidas, não podendo ser delimitado a priori numa vizinhança, numa cidade ou mesmo região. Para usar uma imagem de Deleuze e Guattari (1995), o contexto geográfico seria da ordem do rizoma, não da árvore - uma teia ramificante de linhas de crescimento que vazam e transbordam a cada tentativa de ser delimitada.

Não se trata de negar que "efeitos de lugar" existam, mas sim de pensá-los apenas como uma parte do que poderia compor um campo inicial de possibilidades pelo qual os e as jovens tecem seus meios de existir no mundo. Assim, se há efeitos atuando, eles não permanecem sempre os mesmos e são reconfigurados pela ação dos sujeitos nos seus cursos de vida e podem ser não apenas de um lugar, mas de diversos lugares em relação.

A ideia de "efeitos de lugar", portanto, reflete a forma como o lugar é operacionalizado em certa tradição sociológica e para nós pode se constituir uma armadilha que devemos evitar⁴. Os conceitos de contexto geográfico e de campo de possibilidades que estamos imaginando podem ser mais promissores para pensarmos os emaranhados das tramas que constituem e são constituídas pelas experiências de juventude, sem circunscrevê-las a uma localidade.

UM CONCEITO DE JUVENTUDES PARA O CONTEXTO GEOGRÁFICO.

Em texto anterior (Turra Neto, 2015), argumentamos que a experiência plena de juventude teria relação com duas imagens poderosas que se ligaram historicamente a essa idade e fase de vida e que acabaram por defini-la: por um lado, uma fase de vida de preparação para o futuro e, por outro, de aproveitar a vida junto com outros jovens. É nesta ambígua orientação temporal (para o futuro e para o presente), que se elaboram as experiências de juventude dos/as jovens concretos/as.

Embora essas imagens façam apelos aos/as jovens de todas as classes sociais, em diferentes lugares, sua realização plena ainda tem sido negada a parcela significativa dos jovens. Se essa forma de viver a juventude parece ser uma condição bastante difundida nos países enriquecidos do Ocidente (Wyn e Woodman, 2006), talvez, no Brasil, ainda seja um privilégio de classe e, porque não dizer, de gênero e de raça. Nosso conceito de juventude, portanto, traz em si uma dimensão avaliativa. E, como geógrafos, sensíveis ao espaço, podemos dizer que tal experiência tem suas variações espaciais, sendo desigualmente distribuída entre os lugares, de tal modo que há jovens que precisam mover-se entre espaços, como forma de acessar aquilo que lhes aparece como imagens de juventude. Imagens que se globalizam a partir do mundo urbano do Norte Global (Farrugia, 2016; Brown, Scrase, Ganguly-Scrase, 2017; Forsberg, 2019).

Nosso conceito de juventude está em sintonia com aqueles/as autores/as que defendem uma perspectiva mais holística para juventudes, que reúna as abordagens econômica - da transição (orientada para o futuro) - e a cultural - das culturas juvenis (orientada para o presente). Autores/as que reconhecem que os agrupamentos juvenis conectam as vidas de jovens umas às outras e têm o potencial de desencadear pontos de virada nas trajetórias biográficas (Shildrick e MacDonald, 2006), como também são importantes na constituição de certo capital cultural (Hörschelmann e Schäfer, 2005; 2007). Os agrupamentos podem conduzir a redes de relações em que informações circulam, seja de acesso a postos de trabalho, seja de perspectivas de continuidade dos estudos e escolha de carreiras, mas também a engajamentos prolongados com as culturas de tempo livre, a atividades informais e mesmo ilegais (Gunter e Watt, 2009).

Os estudos que focam apenas nos processos de transição buscam compreender como jovens negociam aspirações e projetos de futuro em meio às circunstâncias em que estão inseridos, com os recursos de que dispõem, nas vizinhanças em que vivem. Enfim, as pesquisas buscam conhecer qual o peso das estruturas sociais, e mesmo dos “efeitos de lugar” (Bourdieu, 2008), na constituição de suas biografias e qual o seu poder de agência.

Como já dissemos, se tais estruturas não deixaram de agir, é muito provável que não atuem hoje do mesmo modo que atuaram ao longo do século XX. Seria “... um erro definir classe, ou gênero e raça, como processos que permanecem estáveis”, por isto, é importante se perguntar como tais marcadores de desigualdade estão atuando nas condições contemporâneas (Woodman e Wyn, 2015, p. 1408).

Nesse mesmo sentido, Coffey e Farrugia (2014) argumentam que o ator não pode ser visto nem como possuindo uma agência, nem como resultado passivo de forças estruturais, pois a agência é produzida no curso das práticas, em face aos constrangimentos encontrados. As biografias dos/as jovens, suas identidades e decisões são formatadas pelos e contribuem para uma constante produção dos seus ambientes sociais. Não existiria uma estrutura prévia sobre a qual haveria ou não uma agência possível. Estrutura e agência se co-constituem no processo.

Além disso, uma maior sensibilidade às variações espaciais evidencia que as estruturas sociais sobre as quais os jovens se tornam ou se tornarão atuantes depende de onde eles/as estão. Ou seja, é diante de mudanças sociais em curso numa realidade situada que certas estruturas sociais se tornam mais visíveis e impositivas para certos jovens, mas podem permanecer obscuras para outros (O'Connor, 2015).

Assim, se concordamos que seria um erro predefinir classe, raça e gênero como estruturas estáveis, visto que ajustes institucionais, políticas públicas, mudanças econômicas e políticas, tudo pode reposicionar ou fazer as estruturas operarem de forma diferente em relação ao passado (Woodman e Wyn, 2015), também seria um erro imaginar o contexto geográfico como um conjunto estruturado, formado por um emaranhado de processos econômicos, políticos e culturais localizados, que explicariam

por si mesmos as práticas espaciais, projetos e trajetórias de vida de jovens. Os/As jovens hoje, com mais informações circulando, sem transições lineares e predefinidas, sem que determinações estruturais tenham o poder de formatar todas as dimensões da vida e sem que os lugares sejam portadores de um destino inexorável, participam da constituição tanto do seu contexto geográfico, quanto do seu campo de possibilidades. Ambos os conceitos devem ser abertos a essa “fluidez relacional”, para melhor abarcar a experiência global da juventude contemporânea - considerando a transição e a sociabilidade, as perspectivas econômica e cultural.

CONTEXTO GEOGRÁFICO E CAMPO DE POSSIBILIDADES PARA O ESTUDO DAS EXPERIÊNCIAS DE JUVENTUDE.

Se o contexto é uma trama tecida pelas ações dos próprios sujeitos sociais em seus cursos de vida, quais seriam, então, seus elementos constitutivos, aqueles que oferecem a urdidura inicial para que os cursos de vida sejam tramados e produzam desenhos de contextos geográficos particulares?

A resposta a esta questão nos traz um dilema, pois, se concordamos que a estrutura e a agência se co-constituem no processo, então traçar os eixos estruturantes como uma urdidura prévia para a trama das vidas poderia ser uma perda de tempo, porque não seria possível saber de antemão quais fios da urdidura serão articulados pela ação instituinte de contexto ou que irão se impor para a ação dos sujeitos. Por outro lado, se a definição de contexto geográfico deve ser orientada pela nossa concepção de juventude, entre transição e sociabilidade, temos aqui um balizamento para pensar o conceito capaz de captá-la. Nesse sentido, pensamos que há uma matéria-prima inicial e irrecusável comum aos sujeitos sociais, a partir da qual tramam sua vida.

Um primeiro conjunto de fatores pode ser colocado como de “ordem espacial”, ou da espacialidade. Com base na conceituação de espaço de Harvey (2015), seria possível dizer que essa ordem envolve a posição geográfica e a situação geográfica, uma questão de espaço absoluto e de espaço relativo. Todavia, o contexto geográfico seria uma questão de espaço relacional. Algo que contém e se define na sua relação com os outros. Os processos não simplesmente ocorrem no espaço geográfico, mas definem seu quadro espacial. Para o autor, o importante é considerar a relação dialética em que o espaço relacional, assim como o contexto, não prescinde da posição e da situação geográficas, sem com elas se confundir.

Assim, a posição e a situação geográficas oferecem toda uma estrutura de ordem espacial, com localização, matérias em fluxo, proximidades e distâncias, acessibilidade, com as rugosidades próprias da produção social do espaço (Santos, 2006). Uma ordem que os jovens gerenciam, estabelecendo relações de mobilidade, identificações e diferenciações, conexões e rupturas, segundo os recursos que dispõem, os marcadores sociais que carregam e as formas como, ao longo da vida, vão sendo mais ou menos mobilizados por esses marcadores, ao mesmo tempo em que reconfiguram as formas como se relacionam com essa própria ordem. Os fatores de ordem espacial oferecem, dentre outras coisas, o “onde” inicial em que se constitui o campo do possível para o seu contexto geográfico.

Compõe ainda a ordem espacial fatores demográficos e de distribuição desigual de recursos entre os lugares, que fazem com que os municípios pequenos, por exemplo, sejam vividos pelos jovens como lugares de isolamento, de falta de exposição à modernidade e mesmo de uma experiência de juventude limitada, em comparação com os espaços urbanos metropolitanos, de onde emanariam suas referências (Brown, Scrase, Ganguly-Scrase, 2017; Farrugia, Smyth e Harrison, 2014; Farrugia, 2016)

Outro conjunto de fatores é o das forças estruturais mais amplas, que se singularizam ao ganhar existência num tempo e num espaço específicos, ou seja, uma “ordem econômica” (que remete ao conjunto das forças produtivas, que organizam o mercado de trabalho local) e uma “ordem social” (que reverbera nas diferenças e desigualdades dos indivíduos num “espaço social” localizado).

Entre as forças estruturais mais amplas, é inegável a participação da escola e das políticas educacionais e curriculares, com seu “universalismo abstrato” (Nayak e Bonner-Thompson, 2022), que se impõe às/aos jovens localizados/as, desde a mais tenra infância, propondo valores, aspirações de futuro, mas também produzindo estigmas e marginalizações (Gulczyńska, 2019). A escola, contudo, não

esgota todas as formas como o Estado participa da instituição das juventudes na sociedade e nas suas variações entre os lugares. Há uma série de normas e de políticas públicas ou mesmo de outras instituições culturais e educativas. Estas compõem o conjunto de fatores de “ordem política”.

A escola, ao lado da família e das “comunidades” do mundo adulto (vizinhança, igrejas, associações esportivas etc.), situam os e as jovens numa “ordem geracional” que é ela também sensível às variações entre os lugares. Atua como mais um dos fios da urdidura inicial que se impõe às e aos jovens, nas suas aspirações de futuro e nas suas práticas de sociabilidade, estimulando certos agrupamentos juvenis e projetos de futuro, desconfiando ou condenando outros tantos (Hopkins e Pain, 2007; Visser, 2020).

Os agrupamentos juvenis presentes no espaço público, nas redes online, nos tempos e espaços de encontro, são fatores da “ordem da sociabilidade”⁵, que também tomam parte nessa urdidura inicial. Entre proximidades e distanciamentos, com suas potencialidades de engajamento, de constituição de redes relacionais, como desdobramento dos seus processos de socialização anteriores e com desdobramentos nas suas relações nos espaços institucionais, familiares e nas suas aspirações no presente e no futuro (Winton, 2005; Gunter e Watt, 2009), os agrupamentos juvenis presentes no horizonte de possibilidades dos/as jovens participam da constituição dos seus contextos geográficos e podem promover “pontos de virada” e mesmo rupturas em relação às suas trajetórias até então (Hutchison, 2011).

Em síntese, podemos pensar o contexto geográfico como um “conjunto polirrítmico”, no sentido de Lefebvre (2023), formado por essas diversas ordens entrelaçadas, com seus processos, elementos, estruturas de velocidades díspares de movimento, entre repetições e diferenças, entre o cíclico e o linear, o macro e o micro. Ritmos que podem portar inclusive arritmias.

Nesse conjunto polirrítmico, o espaço produzido tem uma duração diferente daquela das outras estruturas sociais. Como resultado de processos e de modos de atuação das estruturas, as formas espaciais carregam para o presente e o futuro intenções que podem não estar mais atuando (ou pelo menos não da mesma forma) no “espaço social” (Bourdieu, 2008). Ou seja, velhos modos de funcionamento das estruturas sociais continuam agindo pelo espaço, que lhes conferiu num momento pretérito certa materialidade (Santos, 2006).

É com esse mundo, que se coloca como anterioridade, que as trajetórias biográficas irão entrar em fluxo (Latour, 2012). Em última instância, portanto, o contexto geográfico seria resultado da forma como os sujeitos, a partir dessa urdidura inicial que se coloca diante do seu horizonte de possibilidades, constrói e ordena o mundo para si, negociando e estendendo o campo do possível, ao mesmo tempo em que está sendo ordenado por ele. Como afirma Ingold (2012), o mundo se abre a seus habitantes, habitá-lo é se juntar ao processo de sua formação. O contexto geográfico é resultado do modo como os e as jovens se juntaram no processo de formação do mundo, constituindo-o para sua experiência de juventude.

E se este conjunto polirrítmico não é estático, é importante reforçarmos o seu caráter multilocalizado e extrovertido. Conforme já dissemos, a desigual distribuição de recursos no espaço geográfico obriga os jovens à mobilidade e mesmo à migração (Langevang e Gough, 2009; Cooper, 2023; Forsberg, 2019). Aquelas/es jovens que habitam um lugar geograficamente marginal tendem a imaginar seus futuros, pelo menos em parte, como extrovertidos, numa subjetividade que articula múltiplos espaços (Farrugia, 2014; Farrugia, Smyth e Harrison, 2014). Por isso, o contexto geográfico deve ser pensado como vazando em múltiplas direções, em movimento e com articulações em várias escalas.

Esta é a imagem caleidoscópica do que poderia ser o contexto geográfico, aberto e polirrítmico, e se temos aqui os fios iniciais de uma urdidura como abertura de um campo de possibilidades como ponto de partida para as tramas biográficas, podemos então colocar a questão de como pensamos a relação dialética entre contexto e campo, que consideramos como indissociáveis no nosso argumento?

Uma possibilidade de resposta vem do pensamento por assemblage, tal como desenvolvido, entre outros, por Delanda (2005) e Delanda e Cox (2015). Tais autores, ao discutirem as ideias de Deleuze sobre espaços de extensividade e de intensidades e atual e virtual, apontam para a ideia de “espaço de possibilidades”, chave interpretativa importante, tanto para avançarmos a partir das ideias iniciais de campo de possibilidades de Velho (2003), quanto para pensarmos na sua relação com o contexto

geográfico. Espaço de possibilidades é uma ideia realista, que substitui explicações com base em leis gerais, imutáveis e transcendentais da natureza. Tem íntima ancoragem nos possíveis estados dos fenômenos, dinâmicas e processos que já existem. É uma virtualidade que explica a forma como algo emerge e toda entidade tem propriedades emergentes, que crescem e ganham existência a partir das interações.

Anderson et al (2012), baseando-se em Delanda, diferenciam as propriedades e as capacidades dos componentes do assemblage. As primeiras são dadas e conhecidas, as segundas são abertas e imprevisíveis. As capacidades têm relação com as propriedades dos elementos em interação, mas não se reduzem a elas, uma vez que dependem também das propriedades dos outros elementos. Por isso, não podem ser conhecidas a priori, pois dependem do jogo da interação para poderem se efetivar. O mundo é aberto e não podemos dizer previamente o que vai emergir de interações atuais, pois há múltiplos níveis de emergência.

O conceito de espaço de possibilidades revela a diferença entre propriedades e capacidades, entre extensividades e intensidades. Ambas são reais, mas as propriedades são sempre atuais, enquanto as capacidades/intensidades só são atuais quando são exercidas, na maior parte do tempo elas são “virtuais” (potenciais), apontam os devires. A ideia de virtualidade é útil para podermos expressar a existência real do campo de possibilidades, enquanto intensidades que emanam dos elementos do conjunto, mas que ainda não são atuais e que poderão nunca chegar a sê-lo. Uma existência que ainda não está sendo exercitada e, em sendo, produz o contexto geográfico e estende o (novo) campo do possível.

Nesses termos, o campo de possibilidades não tem nada de transcendente. É um espaço de intensidades. As possibilidades funcionam como “atratores” que guiam os processos reais/atuais em direção a algum resultado (Delanda, 2005). O campo de possibilidades é sempre imanente, a partir do contexto geográfico atual que, por sua vez, é permanentemente atualizado pelos cursos de vida. Contexto geográfico, campo de possibilidades e cursos de vida formam, assim, uma dialética, uma trama em permanente constituição⁶.

CONTEXTO E MÉTODO

No plano do método, voltamos à etimologia do termo, onde está a metáfora da trama, que nos inspira a pensar como o contexto pode ser estudado e narrado. Pensamos que o contexto aparece, ganha forma e é trazido à existência na medida em que é descrito. Nesse sentido, ao acompanharmos as trajetórias de vida nas suas tramas com o mundo, ordenamos o emaranhado entre a urdidura e os fios das biografias, produzindo as tramas em imagens de contexto. A descrição como trama narrativa não simplesmente apresenta o que descreve, sejam os lugares, as paisagens, ou os contextos geográficos, mas também participa da sua constituição, ou seja, “... o próprio ato de descrever configura geografias” (Zusman, 2014, p. 145).

Na mesma direção, tanto a teoria ator-rede de Latour (2012), quanto o pensamento por assemblage evitam situar a explicação numa lógica dominante e prévia, exterior às interações que constituem o conjunto e seu movimento. Isso não significa renunciar ao papel das estruturas socioespaciais, mas compreender como elas funcionam em ato e no aqui e agora (Richmond, 2018). Um estrutural que é ao mesmo tempo efêmero (Ingold, 2012) e que só pode ser atingido como um momento do movimento e como um conjunto provisório.

Estas proposições têm sintonia com a proposta de método da sociologia do indivíduo de Martuccelli (2004; 2023). Tal como este autor, temos que o processo investigativo deve chegar à “ordem estrutural” geral em atuação em certo tempo e lugar. Nesse sentido, a configuração de contextos geográficos comuns para diversas trajetórias biográficas pode ser colocada como horizonte, como um ponto de chegada para o processo investigativo. Para Martuccelli (2004), o objetivo da pesquisa não deve ser colecionar casos diversos. Só o conjunto das trajetórias biográficas acessadas pela pesquisa poderá oferecer um quadro geral do que em certo tempo e espaço se colocava como campo de possibilidades para a produção dos contextos de vida. A busca por uma ordem geral naquilo que é comum à maioria não pode ofuscar, por outro lado, as singularidades que escapam, afinal a ordem também é feita do que lhe é exterior.

Em Martuccelli (2023), há uma certa perspectiva que olha para o que aconteceu, ou para o que fez com que se chegasse até aqui, um movimento que deixa rastros e que é possível reconstruir. E isto será possível e mesmo desejável de ser feito quando os estudos empíricos abordarem gerações do passado, para reconstruir campos e contextos pretéritos. Todavia, para captar as vidas dos/as jovens atuais, em seu movimento de vislumbrar futuros, traçar projetos e colocá-los em prática, vale mais a proposta de Ingold (2012), que propõe uma leitura próxima daquela do artista e do artesão, que reúnem e combinam materiais diversos, redirecionam seus fluxos, tentando antecipar aquilo que poderá emergir. O caminho do método, neste caso, é olhar para frente, para as linhas de devir.

É nesse sentido que, ao orientarmos a pesquisa para chegarmos aos contextos e campos que atuam ou atuaram e foram constituídos, estamos trabalhando com um “concreto pensado”, no sentido de Lukács (2018), primeiro pelo/a pesquisador/a na sua urdidura inicial, depois os sujeitos, ao narrarem suas vidas, passam a compor com o/a pesquisador/a suas tramas singulares, e, por fim, pelo pensamento de síntese, como uma universalidade relativa para um certo tempo e espaço. Assim, campos e contextos, sejam os individuais, sejam os comuns e mais gerais, são tramas realizadas a muitas mãos.

CONCLUSÃO

A forte influência da sociologia no campo dos estudos de juventude tende a colocar a explicação em outro “lugar” que não no espaço, mesmo quando se trata de trabalhos de geógrafos/as. Falta, portanto, não só maior atenção para a espacialidade da condição juvenil, quanto uma teoria da espacialidade ou mais propriamente geográfica das juventudes, para que não sejamos sempre dependentes das teorias sociológicas hegemônicas. Precisamos construir conceitos, um repertório comum, sem que isto feche, obviamente, a geografia das juventudes para o diálogo em múltiplas direções.

Evitamos abordar contexto como algo exterior que explicaria as experiências de juventude no tempo e no espaço. Uma ideia de que o contexto seria um cenário para ação, cujo desenho se faz com anterioridade para poder ali traçar as especificidades de relações econômicas, raciais, de gênero, em grupos de amigos, com a família, que afetam processos de transição e as práticas de sociabilidade. Uma abordagem que reduz a geografia a mera localização dos fenômenos sociais, sendo que o onde eles acontecem teria pouco papel na explicação, para além de singularizá-los.

Pensamos que os conceitos de contexto geográfico e campo de possibilidades são uma contribuição a partir da geografia que não só dá ancoragem e especificidade concreta às diversas ordens de fatores da urdidura, como traz a própria materialidade e imaterialidade do espaço produzido como dimensão explicativa central.

Pensamos que esta é também uma contribuição da geografia das juventudes para a geografia humana de maneira geral, propondo a ampliação das suas ferramentas conceituais para ler o mundo. Uma alternativa conceitual, a partir da nossa ciência, para enfrentar o desafio de abordar o modo como o mundo inteiro se faz presente e se realiza nas existências individuais.

Por fim, é possível dizer que há ainda muitos pontos cegos, incoerências e questões não resolvidas na proposta que trazemos para o debate público, como por exemplo, a questão de como os conceitos poderiam revelar e fazer a crítica das diferenças e desigualdades socioespaciais. Certamente, pesquisas empíricas poderão colocar essas ideias à prova e o debate franco poderá fazê-las avançar ou mesmo recusá-las como um bom caminho para uma interpretação válida das juventudes contemporâneas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - Fapesp -, pela bolsa de pesquisa no exterior e à Universidade de Newcastle - Inglaterra - que me recebeu no ano de 2024, especialmente ao professor Peter Hopkins, que supervisionou este trabalho. Agradeço ao Grupo de Pesquisa GeoJuves (Geografia das Juventudes), da Unesp de Presidente Prudente, e a Antonio Bernardes, pela discussão de uma versão preliminar do texto e à Maria Encarnação Beltrão Spósito pela leitura crítica da versão final.

NOTAS

1- É sintomático constatar que do material selecionado para a produção deste texto, que inclui mais de 70 artigos científicos, apenas uma pequena parte se dedique à reflexão e ao trabalho teórico. A imensa maioria dos textos (50 artigos) remete a pesquisas empíricas, principalmente estudos de caso. Dos 24 artigos teóricos encontrados, apenas 7 o foram em revistas do campo da Geografia.

2- Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa (infopedia.pt).

3- Michaelis On-line - (uol.com.br).

4- Operado na tradição geográfica, lugar ganha outros significados, como no “sentido global de lugar” de Massey (2008), sem que se confunda com o conceito de contexto geográfico. Debate que não cabe nos limites deste texto.

5- Embora possam ser situadas na ordem social, as ordens geracional e da sociabilidade são destacadas por serem centrais na experiência de juventude.

6- Agradeço a Célio José dos Santos por ter me chamado a atenção para este aspecto.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, B. et al. On assemblages and geography. *Dialogues in Human Geography*, 2 (2), 171 - 189, 2012.

BARBOSA, M. C.; REGO, A. R. Historicidade e contexto em perspectiva histórica e comunicacional. *Famecos*, Porto Alegre, v. 24, n. 3, set/dez. de 2017.

BOURDIEU, P. A miséria do mundo. Petrópolis: Vozes, 2008.

BROWN, T; SCRASE, T. J.; GANGULY-SCRASE, R. Globalised dreams, local constraints: migration and youth aspirations in an Indian regional town. *Children's Geographies*, 15:5, p. 531 – 544, 2017.

CLIFFORD, J. Culturas viajantes. In: ARANTES, A. A. (org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000. p. 50 – 79.

COFFEY, J.; FARRUGIA, D. Unpacking the black box: the problem of agency in the sociology of youth, *Journal of Youth Studies*, 17:4, 461-474, 2014.

COOPER, A.; SWARTZ, S.; MAHALI, A. Disentangled, decentred and democratized: youth studies for the global south. *Journal of Youth Studies*, v. 22, n. 1, p. 29 – 45, 2019.

COOPER, A. ‘Morphing between the margins’: how youth make a living across multiple spaces in South Africa and beyond. *Journal of Youth Studies*, 1–17, 2023.

DELANDA, M. Space: extensive and intensive, actual and virtual. In: BUCHANAN, I.; LAMBERT, G. (ed.). *Deleuze and space*. Edinburg: Edinburg University Press, 2005. p. 80-88.

DELANDA, M.; COX, C.. Possibility Spaces. In: COX, C., JASKEY, J., MALIK, S. (eds.). *Realism Materialism Art*. S.L: Sternberg Press, 2015. p. 87-94.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, V. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

FARRUGIA, D.; SMYTH, J.; HARRISON, T. Emplacing young people in an Australian rural community: an extraverted sense of place in times of change. *Journal of Youth Studies*, v. 17, n. 9, p. 1152 – 1167, 2014.

FARRUGIA, D. Towards a spatialised youth sociology: the rural and the urban in times of change, *Journal of Youth Studies*, 17:3, 293-307, 2014.

FARRUGIA, D. The mobility imperative for rural youth: the structural, symbolic and non-representational dimensions of rural youth mobilities, *Journal of Youth Studies*, 19:6, 836-851, 2016.

- FORSBERG, S. 'The right to immobility' and the uneven distribution of spatial capital: negotiating youth transitions in northern Sweden. *Social & Cultural Geography*, 20:3, p. 323-343, 2019.
- GRILLO, S. S. de C. a noção de 'contexto' na obra de Mikhail Bakhtin e do círculo. *Alfa*, São Paulo, v.67, e 17813, 2023.
- GULCZYŃSKA, A. Stigma and the doomed-to-fail school careers of young people from disadvantaged neighbourhoods. *Children's Geographies*, 17:4, p. 413-426, 2019.
- GUNTER, A.; WATT, P. Grafting, going to college and working on road: youth transitions and cultures in an East London neighbourhood, *Journal of Youth Studies*, 12:5, 515-529, 2009.
- HARVEY, D. O espaço como palavra chave. *Em Pauta*, Rio de Janeiro, n. 35, v. 13, p. 126 – 152, 2015.
- HOLLOWAY, S. R. Male youth activities and metropolitan context. *Environment and Planning A*, v. 30, p. 385 – 399, 1998.
- HOPKINS, P. and PAIN, R.. Geographies of age: thinking relationally. *Area*, v. 39, n. 3, p. 287–294, 2007.
- HÖRSCHELMANN, K.; SCHÄFER, N. Performing the global through the local—globalisation and individualisation in the spatial practices of young East Germans. *Children's Geographies* 3(2), p. 219-242, 2005.
- HÖRSCHELMANN, K; SCHÄFER, N. Berlin is not a foreign country, stupid! – Growing up 'global' in Eastern Germany. *Environment and Planning A*, v. 39, p. 1855 – 1872, 2007.
- HUTCHISON, E. D. A life course perspective. In: HUTCHISON, E. D. (Org.). *Dimensions of human behaviour: The changing life course*. Thousand Oaks: Sage Publications, 2011.
- INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.
- LATOURE, B. Reagregando o social: uma introdução a teoria ator-rede. Salvador: Edufba; Bauru: Edusc, 2012.
- LANGEVANG, T.; V. GOUGH, K. Surviving through movement: the mobility of urban youth in Ghana. *Social & Cultural Geography*, 10:7, p. 741 – 756, 2009.
- LEFEBVRE, H. Elementos de ritmanálise: e outros ensaios sobre temporalidades. Rio de Janeiro: Consequência, 2021.
- LUKÁCS, G. Introdução a uma estética Marxista: Sobre a Particularidade como Categoria da Estética. São Paulo: Instituto Lukács, 2018. 272 p.
- MACDONALD, R.; SHILDRICK, T.; FURLONG, A. 'Cycles of disadvantage' revisited: young people, families and poverty across generations. *Journal of Youth Studies*, v. 23, n. 1, p. 12 – 27, 2020.
- MARQUES, A. C. dos S.; TURRA NETO, N. Sarau das Mina em São Paulo: tramas de uma sociabilidade periférica. *Geosp*, v. 28, n. 3, e214916. 2024.
- MARTUCCELLI, D. Lo intercultural ante la prueba de la dinámica entre exclusión y Integración social. *Revista CIDOB D'Afairs Internationals*, n. 66-67, p. 53 – 68, out. 2004.
- MARTUCCELLI, D. Elasticidades sociais, acciones heterogéneas, reflexividades inciertas: lineamientos para un programa de investigación sobre la juventud. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 49, 2023.
- MASSEY, D. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MCDOWELL, L. Transitions to work: masculine identities, youth inequality and labor market change. *Gender, Place and Culture*, 9:1, p. 39-59, 2002.

- NAYAK, A.; BONNER-THOMPSON, C. Sexualities and social justice: young people and the doing of gender and sexual equalities in a former ship-building community. *Antipode*, v. 54, n. 4, p. 1228-1250, 2022.
- O'CONNOR, C. D.. Classed, raced, and gendered biographies: young people's understandings of social structures in a boomtown. *Journal of Youth Studies*, Vol. 18, No. 7, 867-883, 2015.
- PLOWMAN, L. Rethinking context: digital technologies and children's everyday lives. *Children's Geographies*, 14:2, p. 190 – 202, 2016.
- PUNCH, S. Why have generational orderings been marginalized in the social sciences including childhood studies? *Children's Geographies*, v. 18, n. 2, p. 128 – 140, 2020.
- RICHMOND, M. A. Rio de Janeiro's favela assemblage: accounting for the durability of an unstable object. *Environment and Planning*, v. 36, n. 6, p. 1045-1062. 2018.
- SANTOS, M. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SHILDRICK, T.; MacDONALD, R.. In defence of subculture: young people, leisure and social divisions. *Journal of Youth Studies*, v. 9, n. 2, p. 125 – 140, may 2006.
- SMITH, D. P.; MILLS, S. The 'youth-fullness' of youth geographies: 'coming of age'?, *Children's Geographies*, 17:1, 1-8, 2019.
- TELLES, V. S. Mutações do trabalho e experiência Urbana. *Tempo Social*, São Paulo, v.18, n.1, p.173-195, 2006.
- TURRA NETO, N.; ALVES, M. C. P. Slam Quilombo de Dandara de Presidente Prudente-SP: um território insurgente e suas práticas educativas. *Revista Latino Americana de Geografia e Gênero*, v. 13, n. 1, p. 195-222, 2022.
- TURRA NETO, N. Definir a juventude como ato político: na confluência entre orientações do tempo, idade e espaço. In: CAVALCANTI, L. S.; CHAVEIRO, E. F.; PIRES, L. M. (org.). *A cidade e seus jovens*. Goiânia: PUC/ Goiás, 2015, v. 1, p. 119-136.
- VALENTINE, G. Boundary crossings: transitions from childhood to adulthood. *Children's Geographies*, 1:1, 37 – 52, 2003.
- VALENTINE, G. Geographies of youth: a generational perspective. *Children's Geographies*, 17(1), p. 28-31, 2018.
- VELHO, G. Trajetória individual e campo de possibilidades. In: _____. *Projeto metamorfose: antropologia de sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 31 – 48.
- VISSER, K. 'I didn't listen. I continued hanging out with them; they are my friends'. The negotiation of independent socio-spatial behaviour between young people and parents living in a low-income neighbourhood. *Children's Geographies*, 18:6, p. 684 – 698, 2020.
- WINTON, A. Youth, Gangs and Violence: Analysing the Social and Spatial Mobility of Young People in Guatemala City. *Children's Geographies*, Vol. 3, No. 2, p. 167-184, August 2005.
- WOODMAN, D.; WYN, J. Class, gender and generation matter: using the concept of social generation to study inequality and social change. *Journal of Youth Studies*, v. 18, n. 10, p. 1402 – 1410, 2015.
- WYN, J.; WOODMAN, D. Generation, youth and social change in Australia. *Journal of Youth Studies*, v. 9, n. 5, p. 245 – 524, nov. 2006.
- ZUSMAN, P. La descripción en geografía: un método, una trama. *Boletín de Estudios Geográficos*, n. 102, 2014.

Afiliação dos Autores

Turra Neto, N. - Professor da Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente (SP), Brasil.

Contribuição dos Autores

Turra Neto, N. - O autor contribuiu para a elaboração e redação.

Editores Responsáveis

Alexandra Maria Oliveira
Alexandre Queiroz Pereira